

ENTREVISTA

'A atividade nuclear nunca parou no Brasil'

Afirmção é do coordenador de Planejamento da CNEN, Francisco Rondinelli

Anna Beatriz Thieme

A atividade nuclear nunca parou no Brasil. Quem garante é Francisco Rondinelli, coordenador de Planejamento e Avaliação da Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN), que é também um dos diretores da Associação Brasileira de Energia Nuclear (Aben). Segundo ele, o País vive hoje uma ampliação dessas atividades com a retomada de Angra 3 e das demais usinas previstas para o Nordeste. Rondinelli revela ainda que o projeto prioritário da CNEN é a construção de um Reator Multipropósito, que vai atender a produção nacional de isótopo da medicina. A iniciativa, de acordo com o especialista, é uma solução na atual crise global dos radiofármacos, em um mundo hoje dependente do reator canadense, com a operação interrompida há quase um ano. O engenheiro mecânico com especialidade em engenharia de produção diz ainda, em entrevista ao **Atividades Nucleares**, que está em andamento no Brasil um estudo que possibilitará identificar se a indústria está capacitada para atender as demandas do setor nuclear. "A ideia é colocar a serviço do setor os instrumentos de política pública que o País tem para poder incentivar a indústria nacional", salienta.

Atividades Nucleares: *Fale um pouco sobre o objetivo do estudo da cadeia produtiva para o Programa Nuclear Brasileiro?*

Francisco Rondinelli: Estamos na etapa de identificar, dentro da indústria brasileira, as atividades demandadas pelo setor nuclear quanto ao fornecimento de equipamentos, serviços e componentes. Para Angra 3, já temos uma ideia que é da ordem de 70%. Mas se termos mais seis ou oito usinas, queremos saber se a indústria nacional está capacitada para atendê-las, já que elas serão construídas quase que uma seguida da outra. Em setembro e outubro, faremos reuniões com representantes de vários segmentos e discutiremos com eles suas capacidades tecnológica e produtiva. Caso não as tenham, queremos conhecer o tipo de incentivo que precisam para desenvolvê-las. Talvez seja preciso um financiamento de impostos. A ideia é colocar a serviço das demandas do setor os instrumentos de política pública que o País tem para poder incentivar a indústria nacional nuclear. O estudo foi dividido em cinco segmentos: mineração, combustível nuclear, radiofármacos e aplicações médicas, aplicações industriais e reatores nucleares. Nesse último segmento, a Abdan tem um papel importantíssimo, já que lida com as indústrias do país. Devemos concluir o estudo até o fim de novembro.



Foto: Anna Beatriz Thieme

AN: *Como está situado o Brasil no que concerne ao domínio da tecnologia nuclear?*

FR: O Brasil está numa situação privilegiada. Dominamos 100% da tecnologia no ciclo do combustível, desde o urânio até a fabricação do elemento combustível. Entre os dez países do mundo que dominam essa tecnologia, apenas o Brasil, os Estados Unidos e a Rússia possuem também a matéria-prima, que hoje está se transformando em commodity. O que não temos ainda é a tecnologia para construir reatores. A autonomia do Brasil está no combustível. Uma área na qual o Brasil vem se destacando muito é a medicina nuclear. Inauguramos na semana passada, em Recife, a quarta unidade de produção de radiofármacos. Na medicina, aliás, um projeto prioritário da CNEN é a construção do Reator de Multipropósito Brasileiro (RMB), que vai atender a produção nacional de isótopo.

AN: *E esse reator seria uma alternativa à crise nos radiofármacos?*

FR: O mundo ocidental ficou refém de um fornecedor, o Canadá, que atende cerca de 60% da demanda mundial e que só deve ter a operação regularizada em 2010. O Brasil teve que correr atrás de outros fornecedores, como a Argentina, a Holanda, a África do Sul, mas tudo isso implica em um custo. A solução é produzir no País esse tipo de radioisótopo e, para isso, nós precisamos de um reator. O projeto prioritário na CNEN é o RMB, que vai atender em quase 100% a produção nacional de isótopo da medicina, bem como outras demandas para o desenvolvimento do programa nuclear. A previsão é que fique pronto em 2016, ao custo estimado em US\$ 500 milhões.

FLASHES

■ AIEA sob nova direção

Os 150 países membros da Agência Internacional de Energia Atômica escolheram no dia 14 de setembro, em Viena, o japonês Yukiya Amano como novo diretor geral da agência nuclear da ONU. Ele vai comandar a AIEA entre 1º de dezembro e 30 de novembro de 2013, sucedendo o egípcio Mohamed ElBaradei, que esteve à frente do organismo durante 12 anos.



Foto: AIEA

■ Duplicação em 20 anos

A geração elétrica de energia nuclear vai duplicar nos próximos vinte anos, atingindo a 50/60GWe de potência, em 2030. A afirmação é do diretor superintendente executivo da Areva NP Brasil, Johannes Hobart. Segundo o executivo, cerca de 1/3 dessa energia será conseguida com a extensão da vida útil de usinas já existentes no mundo que, em sua maioria, foram construídas ainda na década de 1980. Os 2/3 restantes virão de novas instalações.

■ Angra 3

No dia 2 de outubro, durante o Seminário Eletrônico - Energia Nuclear: Desmistificação e Desenvolvimento, que acontecerá na Associação Comercial do Rio de Janeiro, será assinado o contrato que determinará o escopo de trabalho para os próximos três meses, incluindo o marco zero da obra de construção de Angra 3. O aditivo para a retomada da construção civil de Angra 3 foi assinado no dia 14 de setembro com a construtora Andrade Gutierrez.

■ Radiofármacos no Nordeste

O Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva e o ministro da Ciência e Tecnologia, Sergio Rezende, inauguraram no dia 11 de setembro, na Universidade Federal de Pernambuco, Recife, a Unidade de Produção de Radiofármacos, do Centro Regional de Ciências Nucleares do Nordeste. O investimento foi de R\$ 18 milhões, sendo que R\$ 200 mil foram aplicados no treinamento da equipe técnica. A nova unidade produzirá o FDG, radiofármaco utilizado em tomografias de emissão de pósitrons, avançado instrumento da medicina para detecção do câncer e de outras doenças na área de cardiologia e neurologia.



Unidade de produção de radiofármacos, inaugurada em Recife